

HISTÓRIA GLOBAL E SUAS METODOLOGIAS: ENTREVISTA COM STEFAN RINKE

Global History and its methodologies: interview with Stefan Rinke

Stefan Rinke (Entrevistado) ^a

 <https://orcid.org/0000-0001-9548-1756>

E-mail: rinke@zedat.fu-berlin.de

Ilana de Macedo Vaz (Entrevistadora) ^b

 <https://orcid.org/0000-0003-1363-5382>

E-mail: ilanamvaz@gmail.com

João Vitor Sausen (Entrevistador) ^c

 <https://orcid.org/0000-0002-3819-6032>

E-mail: sausenjoaovitor@gmail.com

^a Universidade Livre de Berlim, Instituto de Estudos Latino-Americanos,
Departamento de História,
Berlim, Alemanha.

^b Pesquisadora do Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento, doutora pela
Universidade Federal de Ouro Preto,
Ouro Preto, MG, Brasil.

^c Professor Substituto do Instituto Federal de Santa Catarina - Campus São Carlos,
doutorando da Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em
História,
Santa Maria, RS, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História Global. América Latina. Metodologia.

KEYWORDS: Global History, Latin America. Methodology.

Stefan Rinke, historiador alemão, é professor de História da América Latina no Instituto de Estudos Latino-Americanos (LAI) e no Instituto Friedrich Meinecke da Universidade Livre de Berlim (Freie Universität Berlin). É um dos mais reconhecidos historiadores globais da América Latina na atualidade, sendo recentemente laureado com o Prêmio José Antonio Alzate da Academia Mexicana de Ciência e o CONACYT, com o Prêmio Leloir do Ministério da Ciência da Argentina, além de honrado como Doutor Honoris Causa pela Universidad Nacional de San Martín, Argentina. Seu livro mais recente é “Conquistadors and Aztecs: A History of the Fall of Tenochtitlan”, publicado em 2023 pela Oxford University Press. Atualmente ocupa a posição de diretor científico da Dahlem Research School da Freie Universität Berlin. Seu Departamento de História se tornou um centro global para estudantes e especialistas da História da América Latina, que se reúnem semanalmente para discutir suas pesquisas no Colóquio organizado a cada semestre.

Entrevistado nas dependências do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade Livre de Berlim em 23 de janeiro de 2024, Rinke abordou o assunto da metodologia em História Global e compartilhou suas percepções para o futuro do campo. Ao compartilhar suas formas de fazer essa abordagem historiográfica, nos indicou um vínculo entre sua trajetória profissional e a história da História Global, e incentivou novos historiadores a considerarem a perspectiva global ao formularem as questões centrais de suas pesquisas, principalmente aqueles que estão fora dos principais centros do Norte Global.

Como você descreveria sua metodologia para o trabalho em História Global da América Latina?

Comecei minha trajetória em uma formação regular como historiador. Quando iniciei minha formação, estudei majoritariamente a história alemã e europeia. Eu descobri a América Latina como um campo por uma coincidência, com um jovem professor da minha universidade que era um especialista no tema. Mas na pequena universidade provinciana onde eu estudava, não havia espaço para ele fazer História da América Latina propriamente, então ele tinha que fazer História da Prússia, História Alemã e, de vez em quando, ofertava um curso sobre a América Latina.



Então eu me interessei pela América Latina, aprofundei este interesse e realizei meu Doutorado nisto, meu trabalho pós-doutoral, a *Habilitation*¹ e assim por diante. E eu comecei a trabalhar como historiador com um conjunto um tanto tradicional de metodologias, bem parecido com os quais a maioria de nós fomos ensinados nas disciplinas do começo dos nossos estudos. O que é História? Como usamos uma fonte criticamente, apropriadamente e profissionalmente? Então minha abordagem era de um historiador clássico.

Inicialmente eu me concentrei no que hoje nós chamaríamos de História Diplomática [*Diplomatic History*], e que na época ainda era chamada de História Internacional [*International History*]. Assim, meu primeiro livro, que resultou da minha Dissertação de Mestrado, depois de um ano de estudos acadêmicos nos Estados Unidos, era sobre as relações Alemanha-Estados Unidos anteriores à Primeira Guerra Mundial, estudadas através da perspectiva do Embaixador Alemão em Washington. Era um trabalho bem tradicional.

Para a minha Tese de Doutorado, eu havia crescido intelectualmente, e iniciado meu trabalho doutoral na Universidade Católica de Eichstätt [*Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt*], onde está o segundo maior centro latino-americano na Alemanha – claro, há apenas dois na Alemanha, e o maior está aqui [Berlim]. Trabalhar com história latino-americana imediatamente lhe coloca, como alguém que o faz de fora da América Latina, em contato com várias abordagens disciplinares, de forma que seu trabalho tende a ser mais interdisciplinar.

Por que isso? Pois quando você faz isso, especialmente fora da América Latina e na Alemanha, o número de especialistas no seu campo é muito pequeno. Então você é, de uma forma ou outra, obrigado a entrar em contato com especialistas de outras disciplinas que também conhecem a América Latina e estão interessados no tema. E isso começou quando eu fui para Eichstätt, e estive em contato com cientistas políticos, estudiosos da literatura, estudiosos culturais, geógrafos... E estes contatos moldaram a minha concepção de como estudar História, de como pesquisar a História com instrumentos que vinham de diferentes disciplinas. De forma que quando fiz meu Doutorado, eu permaneci na esfera da História Internacional, mas me afastei da história puramente diplomática que fiz durante meu mestrado. Adotei um paradigma da ciência política naquele período – no final dos anos

¹ Maior grau acadêmico na Alemanha, a elaboração de uma segunda Tese de Doutorado [*Habilitationsschrift*] que habilita ao professorado universitário.



1980 e início dos 1990 - e descobri o paradigma das relações transnacionais através dela, o que ainda não havia sido adotado pelos historiadores.

O que eu fiz foi pensar que era uma ideia inspiradora observar as relações internacionais me afastando da esfera dos diplomatas e políticos, para mirar todos os demais atores que estavam envolvidos quando você olha para o cenário internacional. Para mim isto foi muito importante, pois eu queria estudar a América Latina e a Alemanha. Mas a América Latina, em termos de importância política, nunca foi uma prioridade máxima da política externa de Berlim. Havia muitas outras regiões do mundo e países que eram muito mais importantes do que a América Latina na cena política.

Todavia, se você olhar de forma mais aprofundada para a rede de relações internacionais destas várias conexões e emaranhamentos, e se afastar das lentes das *big politics*, dos diplomatas e embaixadores, e assim por diante, você descobre que muitas coisas ocorrem nestas relações, e que estas relações são feitas por uma grande variedade de atores que vem da esfera econômica, da esfera cultural. Há imigrantes que foram para o sul do Brasil, por exemplo, e fundaram seus clubes e suas escolas lá, e então entraram em contato com o governo alemão pois eles queriam dinheiro e subsídios... E todas essas conexões me interessavam. Assim, eu decidi ampliar minha abordagem metodológica para incluir estes atores transnacionais.

Quando eu concluí minha tese em 1995 e a publiquei em 1996², aquele foi um dos primeiros trabalhos de História a levar em seu título o conceito de transnacional. Mas, é claro, desde então nós observamos uma explosão de pesquisas deste tipo, e não fui eu que fiz essa explosão acontecer, mas fui parte de um *zeitgeist* maior, a ideia de que as pessoas estavam começando a pensar distanciados das grandes figuras, dos grandes atores, e descobriam o que mais ocorria. Isto também tinha a ver, é certo, com a queda do Muro de Berlim, com o fim da Guerra Fria, o rompimento daquilo que era tomado como certo nos anos 1970 e 1980, que eram estes dois grandes blocos, e de que as grandes potências faziam a história, e todas as outras regiões do mundo eram marginais. E isto mudou após 1990.

² De acordo com o sistema acadêmico alemão, o título de Doutor somente é concedido após a publicação da Tese [*Inauguraldissertation*], e não a partir da sua Defesa, ou da concessão do diploma, como ocorre no Brasil. Rinke, Stefan. *Der letzte freie Kontinent: deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918-1933*. Stuttgart: Heinz, 2 v., 1996. Atualmente, a obra está em processo de tradução para a língua portuguesa.



Havia muita insegurança, o crescimento de um mundo multipolar, que hoje nós vemos claramente. Trinta e cinco anos depois, sabemos que o mundo bipolar que tivemos durante a Guerra Fria não existe mais, e no lugar temos diferentes polos, a China, os Estados Unidos, a Rússia, os BRICS, em termos de políticas de poder. E temos uma globalização, que implica em intercâmbios imediatos de ideias, bens e pessoas, o que também impacta em nossas vidas de forma cotidiana. Tudo isto está transformando as perspectivas e esta transformação também implica na metodologia do historiador, pois o historiador apenas escreve a partir de sua própria origem. Ela ou ele sempre falarão a partir de determinada origem. E esta origem vem sendo modificada drasticamente, e isto influenciou minha metodologia.

Então, o que fiz, e creio que isto é típico para historiadores profissionais, foi ir ampliando meus instrumentos, como um médico que traz sua mala com seus materiais clássicos, e passa a ter disponível um MRT [*Magnetic Resonance Tomography*], tomógrafos computadorizados, e outros equipamentos, você ganha mais e mais instrumentos. E é o que venho fazendo. Eu ampliei o número de instrumentos para poder estudar a História, já que o número de fontes disponíveis também foi ampliado. Eu não estava mais olhando apenas para as fontes de arquivo, como do *Itamaraty*, ou do *Ministerio de las Relaciones Exteriores*, mas passei a consultar outros arquivos e objetos, como a história oral, ainda que mais recentemente. Eu já os utilizava esporadicamente, mas metodologicamente falando, apenas nos últimos dez anos.

Tudo isto implicou na ampliação dos meus instrumentos. Claro, eu não os inventei, mas os escolhi e selecionei entre aquilo que está disponível, em um sentido heurístico, perceber o que é útil para as questões perguntadas, e para as quais eu buscava respostas. Esta foi a forma pela qual eu estava ampliando minha metodologia e ampliando minha abordagem para a História. Com isso, eu também reagi à diversificação de atores para os quais eu estava olhando.

Por exemplo, no último livro que publiquei sobre a conquista do México (2021), eu estava observando esta história antiga que havia sido contada muitas vezes por uma perspectiva que foi anteriormente desenvolvida por historiadores étnicos, que davam uma atenção muito maior ao papel das populações indígenas como atores em seu próprio direito neste processo. Eles não estavam apenas na posição de perdedores, mas também no lado vencedor, porque apoiaram Cortés e os espanhóis, o que tornou possível a vitória deles contra Tenochtitlán e os astecas. E é claro que eu me beneficiei do desenvolvimento que se produziu ao final dos anos 1990, e que foi majoritariamente parte da reconfiguração da



área de história, inicialmente na Alemanha e mais tarde também nos Estados Unidos, e, depois disso, tornou-se parcela da historiografia por toda parte. Este foi, é claro, o surgimento da História Global.

O surgimento da História Global está muito conectado com a minha geração, porque as pessoas que começaram a fazer história global, o fizeram com uma nova abordagem. Sempre houve uma História Mundial. Pessoas fizeram uma História Mundial por séculos, para explicar todo o mundo, primeiro por ideias medievais, que eram teologicamente inspiradas, e, então, no século XIX, as grandes histórias do progresso da humanidade e dos impérios, e assim por diante. Mas historiadores globais queriam ir além disso, pois, no fim, cada tipo de História Mundial, que quer fazer tudo, que quer lhe dar uma explicação total da história da humanidade, permanece insatisfatória para um historiador profissional. É claro, você pode, como Yuval Noah Harari, escrever um livro sobre a história da humanidade³, que é um best seller, mas isto não é satisfatório para um historiador profissional.

E se você quer fazer, qual é a alternativa? Nos anos 1980 até os 1990, a alternativa era fazer uma história nacional. Naturalmente, a história nacional também pode ser explicada pelo surgimento dos Estados-Nação no século XIX, em que a história se concebeu como uma disciplina acadêmica, como é sabido. Assim, os historiadores, no começo, eram escritores da nação. Quase 200 anos depois da escrita da nação, vir para os holofotes e dizer que a nação não é a única unidade de análise para a qual devemos olhar, mas dizer que nós devemos ir para além disso, para ampliar os emaranhamentos da vida cotidiana que vem com eles, é algo bastante recente e inovador - alguém poderia dizer, se tomado em consideração o que a maioria dos profissionais faziam há 200 anos.

Sempre houve precursores, pessoas que tinham ideias diferentes, mas que esta ideia reorientasse a história, que nós provincializássemos a localização de nossa própria enunciação. Nós temos que provincializar isso, e colocar em relação com alguém que vive na Samoa, por exemplo, que tem o mesmo direito de contar sua história como eu, um europeu, ou alguém que mora no Canadá. Este questionamento tem a ver com as diferenças e com as grandes transformações que foram vivenciadas ao longo dos anos 1990 e 2000, e todo o desafio à antiga ordem e à globalização, que estavam nas mentes de muitas pessoas nos anos 1990, e foram muito discutidas, primeiro com esta ideia de

³ Harari, Y. N. (2020) Sapiens: uma breve história da humanidade. (tradução de Jorio Dauster e Alceu Chiesorin Nunes). Companhia das Letras.

Fukuyama, do fim da História - que ela teria alcançado seu clímax, e que não haveria mais nada para acontecer. Mas, então, logo nós descobrimos que é claro que havia muito mais para acontecer, mas não da antiga maneira, com revoluções, guerras, extermínios étnicos, e todas essas coisas que experienciamos, e que acreditávamos que iriam voltar para nos assombrar. Claro que a nação e o nacionalismo ainda estão lá, e isso também nos assombra.

Assim, como integrar isso em um novo formato de História? Escrevendo por meio de uma História Global, sem deletar a História Nacional ou a História Mundial, buscando seu próprio caminho pela observação de emaranhamentos, conexões entre diferentes regiões do mundo, a partir de uma certa questão, a partir de uma determinada lente e perspectiva que temos. Portanto, a História Global não representa escrever a história do globo ou do mundo, mas sempre diz respeito a uma certa perspectiva de como estes emaranhamentos funcionam e quando eles são rompidos, quando são desconectados.

Isso também é importante porque devido à globalização, nos anos 1990, muitas pessoas pensavam que seria outro processo teleológico. A globalização seguiria e cresceria ao ponto que seríamos uma única nação sob Deus, ou outra coisa, e que haveria uma comunidade da humanidade, em um sentido representado em séries de ficção científica, como Star Trek. Mas a experiência dos últimos vinte-trinta anos nos mostrou que talvez isso possa acontecer algum dia, mas não será tão cedo, porque todos estes outros fatores mencionados, todas estas categorias, que ainda permanecem conosco, algumas retornarão para se vingar de nós, como essas ideias de guerra étnica. Então tivemos que dar este passo e pensar em uma História Global como alternativa de escrever História, não como substituta para uma História Nacional ou História Mundial, mas como uma outra via.

Desta forma, várias questões urgem em uma perspectiva regional ou nacional, que também são legítimas. No entanto, se você observar a história dos séculos XX e XXI, será cada vez menos possível de observar a partir de perspectivas puramente regionais ou nacionais isoladas, porque mesmo nas áreas mais isoladas do mundo, nós vemos efeitos daquilo que está ocorrendo em outras partes do mundo. Mesmo se olharmos para partes do mundo onde não há presença humana, nós vemos efeitos das transformações, das mudanças climáticas que nossa espécie está produzindo. E tudo isso nos mostra que há muito o que fazer com a História Global, para olhar para outras histórias, com um olhar renovado.

Isto é algo que considero que foi importante e me inspirou a olhar para a história da América Latina, pois, àquela época, no começo dos anos 2000, eu já estava no processo



de finalizar minha *Habilitation*, um segundo Doutorado, por assim dizer, para me qualificar ao professorado. Neste ponto, essa ideia de História Global foi muito importante para mim, e a integrei àquilo que eu fazia. Foi fácil pra mim pois, por um longo período, eu já estava utilizando essa ideia de História Transnacional e há muitas conexões entre estas duas abordagens. Alguém poderia até dizer que História Global é fruto daquilo que a História Transnacional, que é mais ligada à nação como unidade de análise, descobriu. E, então, o próximo passo foi dizer que a nação ainda estava lá, mas já não era importante para o questionamento que eu tinha.

Na leitura de um de seus trabalhos mais recentes, sobre a América Latina durante a Primeira Guerra Mundial, impressiona a grande quantidade de fontes consultadas e articuladas no trabalho. Como você articula a grande quantidade de informações resultante de uma pesquisa baseada na perspectiva da História Global?

Primeiramente, você deve se livrar da ideia de que poderia fazer um estudo completo de todas as fontes disponíveis. Isso não é possível. E isso não é algo que um historiador profissional jamais deveria ter como um objetivo, já que não faria sentido. Como sabemos, as fontes que consultamos são sempre uma janela para um certo aspecto do passado, e podemos mirar por esta janela a partir de diferentes perspectivas. Assim, importa se você está a um metro de distância da janela, se você a olha a partir do lado esquerdo ou direito, se há sol em nossos olhos, nos cegando... Então a forma pela qual eu olho por aquela janela sempre será diferente em cada momento. E isso é parte do trabalho com fontes históricas. É importante pois nos ensina que a seleção de fontes que queremos consultar deve ser legitimada. Temos que pensar no que queremos usar, discutir isso com seriedade e justificar porque escolhemos certas fontes.

Se fizermos isso de forma clara e transparente, especialmente em nossas introduções, então estaremos abertos às críticas. E, é claro, nossa profissão requer essas críticas. Nós queremos produzir trabalhos que estejam abertos às críticas, para que um crítico venha e diga 'Neste livro sobre a Primeira Guerra Mundial, Rinke usou várias fontes periódicas, tem fontes periódicas de diversos países. Mas jornais naquele período ofereciam uma visão elitista do mundo', e eu não poderia concordar mais. É certo, é verdade. Não todos, mas a grande maioria dos latino-americanos em cada país da América Latina ainda não haviam sido ensinados a ler e escrever. Eles eram majoritariamente analfabetos. E eram apenas as elites, minoritárias, predominantes em centros urbanos, que



liam e escreviam. Então a produção e recepção de periódicos eram limitados a certos grupos de um certo estrato social. Eu estou ciente disso.

Ainda assim, o que posso fazer com estas fontes é mostrar um certo extrato da realidade passada ao qual eu tive acesso. E lamento não ter tido acesso à muitas outras dimensões da realidade social da época. Por exemplo, todas as pessoas da classe trabalhadora que perderam seus trabalhos por causa da crise da época da guerra e que tiveram que migrar para grandes centros humanos e não tinham meios para viver. Mas eu posso fazer uma certa reconstrução disso entre as linhas do que eu consulto nas fontes periódicas e nas fontes de arquivo.

Quanto ao volume do material que venho consultando, é sempre importante buscar por termos-chave, e conhecer os tópicos que dominavam os discursos em distintas épocas, e então buscar fazer uma organização destes termos-chave e buscar por eles. Quando eu fiz a minha pesquisa, a digitalização de fontes ainda não era corrente. Então eu tive que ir até os periódicos e virar as páginas. Mas se você tiver que fazer isso, conhecerá rapidamente aqueles termos que aparecerão constantemente. Eles são os tópicos que são discutidos mais calorosamente.

Mas o que eu nunca tentei fazer foi um estudo completo de todos os periódicos. Eu fiz um estudo caso a caso. Para isso, descobri os momentos nos quais as pessoas estavam mais interessadas no que ocorria na guerra. Por exemplo, o afundamento de um navio brasileiro. Evidentemente, quando os brasileiros receberam a informação que um navio sob a bandeira brasileira havia sido afundado, todas as pessoas queriam imediatamente comentar a respeito nos periódicos. Então eu fui em busca disso. Eu não procurei por toda a guerra, o que me custaria décadas para fazer toda a pesquisa. Isso não seria possível.

Fazer este tipo de decisão de seleções é a parte mais importante de ser um historiador profissional. Você deve fazer isso todo o tempo. Atualmente, não apenas você deve fazer isso, mas também as pessoas que estão conservando o material. Os arquivistas fazem isso todo o tempo. Todos os dias eles devem decidir, vamos conservar este material? Vamos mantê-lo? Ou vamos descartá-lo? Isso implica um longo processo na gestão do passado, por assim dizer. E, no fim, cabe ao historiador, que analisa este material de sua perspectiva e escreve sua narrativa sobre aquilo. E, então, alguns anos depois, vem outro historiador com outro ponto de vista e escreve isso novamente, consultando a mesma fonte. Isso é uma parte importante do processo.

Também, em termos do processamento da quantidade de informações que eu consultei, isso me tomou, poderia dizer, quase duas décadas para escrever aquele livro.



Mas, durante estas duas décadas, eu não estava escrevendo somente aquele livro, e quando eu ia para a América Latina, quando estive no Equador, na Costa Rica, eu separava alguns dias para ir aos arquivos que me interessavam, fazendo o que a velha guarda, os ‘caçadores e coletores’, faziam. Assim, eu estava na fase de coleta e coletava e caçava tudo aquilo em que podia por minhas mãos e parecia interessante para mim. Mais tarde, aquilo terminou sendo um desdobramento de minha Tese de Doutorado. Àquela altura eu tinha muitos materiais. Quando você finaliza sua Tese de Doutorado, você não pode por todo o material que tem em sua Tese, vão existir algumas sobras.

No meu caso, eu tinha muito material de sobra sobre o período anterior à República de Weimar. Eu abordei a República de Weimar e a América Latina em meu Doutorado. É claro, o período anterior era a Primeira Guerra Mundial, e eu descobri que havia muito material sobre o mesmo período, e muito pouco escrito sobre ele, de forma que eu pensei que deveria escrever um capítulo sobre isso e incluir em minha Tese. Mas eu fui muito feliz e afortunado de ter um orientador que disse, ‘não Stefan, você não vai escrever outro capítulo porque isso vai lhe tomar outro ano, e você vai terminar escrevendo um novo livro, porque este é um tópico que necessita um livro’. E então eu disse, ‘ok, eu vou deixar todo este material fora’. E eu já tinha cerca de 100 páginas escritas sobre isso, que deixei de fora e decidi fazer isso no futuro.

E este futuro demorou a chegar, levou vinte anos. Mas no fim, quando finalmente me sentei para escrever o livro, eu terminei escrevendo algo completamente diferente, e não usei uma só página daquelas cem que eu havia escrito anteriormente. Porque nesses vinte anos, nossa compreensão, nossa abordagem da história mudaram tanto, que o que eu li naquelas cem páginas me pareceu um tanto antiquado. Eu não voltaria a usá-lo. Quando reli, pensei que havia sido bem pesquisado, mas não sobreviveria ao que está sendo discutido hoje na profissão. Então eu tive que escrever um livro completamente diferente. Ao menos a inspiração veio vinte anos antes.

Hoje, com todas as ferramentas digitais que temos em mãos, com esses programas que nos ajudam a arquivar as informações, só posso encorajar a geração de jovens historiadores a usá-las. Para mim, eu tentei me adaptar a algumas delas, mas as vezes ainda sinto certa resistência a elas, pois nos primeiros quarenta anos da minha vida eu cresci sem usá-las, e estou mais acostumado a formas analógicas de trabalho, e é difícil para mim, por exemplo, trabalhar com bancos de dados. Vejo meus colegas mais novos produzindo trabalhos fantásticos utilizando estas ferramentas, e penso que certamente este

é o futuro da escrita em história. Mas o risco que vem com isso é o de se sobrecarregar de informações.

Recentemente, eu estou realizando pesquisas em fontes digitais, e elas impressionam. É um enorme amontoado de informações puras que você é capaz de descobrir, desenterrar, por assim dizer. E a coisa importante que também ensino a meus alunos de doutorado, de mestrado, é sempre manter em mente os questionamentos que se tem. É por isso que realmente quero que meus alunos estabeleçam perguntas com um ponto de interrogação. Não apenas implicitamente, mas escrever as perguntas. O que você quer saber? O que você quer saber no geral em sua tese? O que você quer saber nesse capítulo? E o que você quer saber neste subcapítulo e nesta página?

Questione-se isso e aquilo, novamente, também quando você faz suas escolhas de materiais. Eu realmente preciso disso? Isso é algo que está conectado à minha questão ou é um detalhe interessante, uma informação interessante, que não contribui realmente com aquilo que quero saber? Então você ainda pode coletar isso, ou deixar de lado para um projeto ou livro futuro, mas não para sua tese. É sempre um processo de seleção, uma decisão que você faz como um acadêmico, aquilo que será deixado de fora. Como eu disse, às vezes pode ser um processo decepcionante deixar de fora uma fonte tão maravilhosa, mas que não ajuda você a responder sua pergunta. Então é melhor escrever um artigo sobre ela e não se concentrar nela no momento. Isso também é uma questão sobre experiência, aprendizado e crescimento profissional.

Você tem algum conselho ou recomendação para estudantes que estão iniciando pesquisas sobre a História Global da América Latina?

Meu primeiro conselho seria para lerem inicialmente todos os materiais conceituais que foram escritos sobre o que é e não é a História Global. Você deveria ler Sebastian Conrad e ler os textos que eu e Carlos Riojas estamos produzindo sobre o que a História Global pode ou não oferecer, quais são os limites da História Global⁴. Então se pergunte, o questionamento que tenho em mente é realmente apto para uma perspectiva global? É realmente necessário usar ela ou não? Pois, como eu havia dito, a História Global não é a

⁴ Sebastian Conrad é professor de História Moderna da Universidade Livre de Berlim. Se dedica a teorizar a História Global, com diversas publicações sobre o tema. Carlos Riojas é professor no Departamento de Estudos Econômicos e Internacionais do Centro Universitario de la Ciénega (CU-Ciénega), Universidade de Guadalajara, México. Se dedica a pensar principalmente sobre o desenvolvimento da América Latina, e editou, junto a Rinke, livro sobre História Global em 2017.



única forma de fazer História. Ela é somente uma entre várias outras abordagens. Esta é a primeira questão.

Se você planeja fazer História Global, então você deve buscar apoios financeiros, pois você vai precisar fazer viagens de estudos para outros países, já que você deve fazer isso, e não confiar nos materiais digitalizados. E, se puder, esta será sua grande vantagem. Se você pode sair da sua própria zona de conforto, vá para onde você nunca foi, para onde você não conhece, e conheça o exterior, os outros mundos. A vantagem dos latino-americanos é a de que o que a metade norte do globo oferece já lhes é familiar, graças às culturas de massa, através da TV, dominadas por produções dos Estados Unidos e da Europa.

Mas também há outras partes do mundo. Eu penso que hoje, depois do estabelecimento da História Global e seu estudo destas conexões globais, basicamente focando em grande parte no Atlântico Norte, nos Estados Unidos, na Europa, um pouco na Ásia e na África, o que seria mais interessante atualmente seria observar o que acontece em termos de emaranhamentos entre as diferentes regiões do sul global. A América Latina, África e Ásia, o que foi desenvolvido sobre a história do comunismo, do tráfico de escravizados, mas deixando de lado os grandes centros do norte e observando as conexões entre o Brasil e a África, o papel do Maoísmo global, e outros movimentos que ocorreram lá, que conhecemos, mas que não foram estudados até agora.

Se nós estudarmos isso a partir da perspectiva de uma pessoa que não está situada, vamos dizer, em Berlin, Harvard, Oxford ou Cambridge, isso trará uma nova perspectiva para nossa compreensão da história. E isso é muito necessário, pois é o que a historiografia vem demandando ultimamente, de que nós precisamos escutar as vozes de fora dos centros, que não estão vivendo ou estudando nos centros do Norte. Essa é, eu diria, uma das maiores armadilhas da História Global, de que ela vem sendo um empreendimento majoritariamente anglófono. História Global é escrita em inglês por pessoas que cursaram pelo menos uma parte de suas formações em uma das grandes universidades do sistema Anglo-Americano, e eles dominam aquele campo, e não são sempre muito bons em ler a literatura que é produzida fora destes centros.

É aí que entram os acadêmicos vindos de outros países, desses outros contextos culturais, que vem com essas capacidades linguísticas que as pessoas do norte usualmente não têm, que abrem novas e importantes perspectivas. Eu recomendaria realmente embarcarem nisso. Sei que é difícil. Eu sei que para alguém que vem da América Latina é difícil, pois primeiro é necessário buscar algum fomento, pois não há os mesmos que

recursos que temos aqui nos países ricos do Norte. Não há os mesmos recursos que nós temos.

Eu posso ir para a biblioteca do *Instituto Latino-Americano*⁵ e lá tenho disponíveis todas as obras de todas as partes da América Latina em um só lugar. E se você for para a *Biblioteca Nacional*, no Rio de Janeiro, terá dificuldades para consultar obras que não são brasileiras. Isso acontece em todas as capitais da América Latina. Se você tem sorte, vai encontrar todos os livros produzidos na Argentina em Buenos Aires, mas já terá dificuldades para encontrar livros publicados no Chile, ainda que sejam países vizinhos. Isso dificulta muito as coisas. Mas, ao mesmo tempo, atualmente há muito interesse no norte global e lá há programas que estão abertos aos acadêmicos do sul, e há muitos programas sendo criados em países como o Brasil, para possibilidades de mobilidade acadêmica, que possibilitam fazer isso. Então eu diria que a principal recomendação é que 'pulem', saiam de suas zonas de conforto e tirem todo o proveito disso.

Para quem esteve no meio deste processo de surgimento do campo da História Global, como você observa este desenvolvimento para a América Latina nos últimos 30 anos?

Eu diria que ela demorou a ser desenvolvida na historiografia latino-americana e que dependeu de onde você escrevia essa historiografia. Se você faz isso de fora da América Latina, vamos dizer, especialmente aqui na Europa, onde as comunidades de acadêmicos são bem pequenas. Na Alemanha nós somos dez pessoas em todo o país que são professores universitários de História da América Latina. E isso não é muito. Há ainda alguns outros na França, na Espanha e na Inglaterra, mas nada se comparado à América Latina e aos Estados Unidos. Então, se você o faz a partir daqui, você recebe inicialmente muitos olhares céticos de historiadores tradicionais que são mais velhos do que nós, que já estavam nas posições que nós desejávamos. Não foi fácil fazer eles entenderem que este era um trabalho necessário e importante.

Mas, recentemente, eu reconheço uma abertura no campo da História Global em muitos países latino-americanos. Jovens acadêmicos vem adotando esta perspectiva, que você encontra em congressos, e não apenas congressos de História da América Latina,

⁵ Instituto Íbero-Americano, situado em Berlim, Alemanha, é a segunda maior biblioteca desta temática no mundo.



mas também congressos dedicados ao global ou a história mundial. Há jovens latino-americanos e também pessoas de diferentes países americanos que fizeram parte de seus estudos fora de seus países, e então desenvolveram esta perspectiva. Ao retornarem aos seus países, transformaram seus colegas e instituições a partir de dentro, em torno a este tipo de pesquisa. Eu vejo isso em vários contextos, mas também percebo um pouco de resistência, em historiografias mais tradicionalistas, nacionalistas e, às vezes, até regionalistas, que tem raízes muito fortes nas instituições.

É muito difícil alcançar esta transformação. No meu país também. Aqui, ainda que a História Global seja um grande tema e esteja sendo discutida intensamente ao longo dos últimos dez anos, ainda que existam muitos jovens que se dizem ser historiadores globais, ainda assim, quando você olha para os professorados na Alemanha, eu diria que 90% deles estão fazendo História alemã ou europeia, e não História Global. Então você vê que aqui, ainda que haja muitas conversas sobre a História Global, no fim, você não terá um trabalho porque você é um historiador global, mas o terá quando você conhece bem a história alemã e pode ensiná-la. Assim, há uma certa situação paradoxal por aqui. Mas, quanto a essas grandes transformações, isso sempre ocorreu.

Não sou pessimista. Sou otimista e sei que isso toma tempo. Vejo nas carreiras dos meus estudantes e há mais de 60 alunos de Doutorado, que orientei, que ocupam posições de professorado em toda a América Latina e Europa. Todos eles adotaram pelo menos parcialmente uma perspectiva global em seus trabalhos. E se eles são hoje professores no Peru, Brasil, Costa Rica, México, Chile ou na Argentina, eles levam isso para suas instituições e o difundem. E há aqueles aqui na Europa, que são professores nos Países Baixos, na Alemanha, Suíça ou Inglaterra, que também fazem isso. Então há uma disseminação. Falando em termos biológicos, um crescimento. Essa semente foi plantada e crescerá. Tenho certo otimismo.

Todavia, eu não diria que meu sonho do paraíso seria todos fazerem História Global. Esse não é o caso. Eu gostaria que ela se estabelecesse como um campo respeitado, lado a lado com outras abordagens da história. E em termos de contratação de colegas, pessoas abririam suas mentes para recrutar mais pesquisadores com uma experiência em História Global. E eu diria que esta experiência em História Global, que é muito importante para mim, não é apenas uma experiência - o que costuma ocorrer na Alemanha há algum tempo -, de dominar uma língua estrangeira. Eles somente dominam o inglês. Então eles estudam fontes inglesas, que estão sendo digitalizadas, e reclamam serem historiadores globais, sem terem vivido em outros países, terem aprendido a cultura desses países. E eu acho



que isso não é a História Global com a qual eu sonho, mas realmente conhecer essas culturas e sociedades estrangeiras de forma séria, relacionando-se com elas, interagindo com colegas que estão lá, lendo suas literaturas e unindo tudo isso. A História Global é sobre isso.

Há muito ‘andar de acordo com a carruagem’ na última década. Muitas pessoas que apenas reclamam escrever uma História Global, mas se você observar seus trabalhos, a única coisa que eles fizeram foi olhar para as fontes que todos conheciam anteriormente, dos arquivos do norte, que são facilmente usadas e trabalhadas, e majoritariamente digitalizadas. Então, a História Global é baseada em dominar pelo menos uma área não-europeia do mundo. Conhecer pelo menos uma área não-europeia do mundo. Não-europeia e não-estadunidense. Porque a história dos Estados Unidos é algo que muitas pessoas fazem nas margens. Alguém que reclama seriamente por ser um historiador global deveria ter esse conhecimento e estar apto a incluir na literatura do que estão fazendo a África, a Ásia ou a América Latina, não apenas o que foi traduzido e está por aí em inglês, porque todos conhecem inglês. Isso é o mais importante para mim, e eu acredito que se pudéssemos fazer isso, uma História Global com fortes fundamentos na área de estudos, então nós estaríamos um passo à frente na ampliação do campo.

REFERÊNCIAS

Conrad, S. (2013). *Global history: An introduction*. C.H. Beck.

Conrad, S. (2016). *What is global history?* Princeton University Press.

Rinke, S. (2021). *Conquistadores y aztecas: Cortés y la conquista de México* (J. Rus Sánchez, Trans.). Editorial EDAF. (Original work published 2019)

Rinke, S. (2019). *América Latina y la Primera Guerra Mundial: Una historia global* (M. Palma Behnke, Trans.). Fondo de Cultura Económica.

Rinke, S., & Riojas, C. (2017). *Historia global: Perspectivas y tensiones*. Verlag Hans-Dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart.

NOTAS

AUTORIA

Stefan Rinke: Doutor. Professor (W3), Universidade Livre de Berlim, Instituto de Estudos Latino-Americanos, Departamento de História, Berlim, Alemanha.



Ilana de Macedo Vaz: Mestre. Doutoranda pela Universidade Federal de Ouro Preto, Programa de Pós-Graduação em História, Ouro Preto, MG, Brasil.

João Vitor Sausen: Mestre. Doutorando pela Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em História, Santa Maria, RS, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rüdesheimer Str. 54-56, D-14197, Zentralinstitut Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha.

ORIGEM DO ARTIGO

Entrevista realizada pessoalmente em janeiro de 2024 na Universidade Livre de Berlim, gravada em áudio, em inglês, e transcrita e traduzida posteriormente.

AGRADECIMENTOS

Os entrevistadores agradecem ao professor Stefan Rinke pela disponibilidade e contribuição durante o processo deste trabalho.

FINANCIAMENTO

Ambos os entrevistadores recebiam, no momento da entrevista, a bolsa de doutorado-sanduíche da CAPES. João Vitor Sausen tem sua pesquisa de doutorado também financiada pela CAPES e Ilana de Macedo Vaz tem a sua financiada pela FAPEMIG.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Stefan Rinke; Ilana de Macedo Vaz; João Vitor Sausen. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alexandre Buski Valim, Jó Klanovicz e Daniela Capri

HISTÓRICO

Recebido em: 16 de julho de 2024

Aprovado em: 29 de janeiro de 2026

Como citar: Rinke, S., Vaz, I. de M., & Sausen, J. V. (2026). História global e suas metodologias: entrevista com Stefan Rinke. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 33, 1–16. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2026.e101109>

